

Sistemas Educativos: princípios orientadores

Maria Ivone GASPAR
(Universidade Aberta)

Resumo

"Duas razões de natureza diferente determinaram a escolha do título deste artigo "sistemas educativos - princípios orientadores": o fracasso, constantemente apontado dos sistemas educativos e o envolvimento da homenageada no sistema educativo português, como um dos seus agentes. Pretende-se dar um pequeno contributo para a reflexão sobre uma área cuja importância social aumenta com a pertinência na afirmação de que a Sociedade espelha o Sistema Educativo que possui ou/e o Sistema Educativo é o primeiro responsável pelo figurino de Sociedade que o apresenta. Nesta perspectiva, decidiu-se fazer ressaltar apenas alguns dos indicadores considerados essenciais para a eficiência e a eficácia do Sistema Educativo. Assim, neste artigo discute-se o conceito de sistema educativo, indicam-se alguns princípios orientadores e um conjunto de variáveis estruturantes dos sistemas educativos; exemplificam-se tipologias de sistemas educativos e conclui-se com o sentido perspectivante do sistema educativo, na referência de que a(s) parte(s) pode(m) invalidar o todo.

Introdução

As sociedades, ao crescerem em complexidade, tentaram gerir essa complexidade definindo modos de organização que hoje se apresentam em estruturas vulgarmente designadas por sistemas¹. Considerem-se algumas definições de sistema. José Pedro Machado, no seu Grande Dicionário da Língua Portuguesa, afirma: "(sistema) é o conjunto de partes coordenadas entre si, reunião de proposições, de princípios coordenados de modo a formar um todo científico ou um corpo de doutrina; reunião de proposições, reunião ou combinação de partes reunidas para concorrerem para um certo resultado ou de modo a formarem um conjunto; modo de governação, forma de governo ou constituição política ou social de um Estado; conjunto de preceitos ou regras a que deve obedecer-se para estabelecer harmonia num ramo do saber ou em determinado assunto". (1981, tomo XI:227,228).

No Grand Larrousse Encyclopédique poderá ler-se, a propósito de sistema: "reunião de princípios coordenados de modo a formar um todo científico ou um corpo de doutrina (...) ou combinação de processos destinados a produzir um resultado".

Para Gaspar (1996:122) "um sistema é um conjunto organizado e coerente de áreas que o compõem, de práticas, de métodos e de estruturas, de acordo com uma concepção ou uma determinada doutrina, com vista a fins elaborados em função das necessidades de indivíduos ou da colectividade."

Parece tornar-se evidente que todo o sistema, como a própria palavra indica, resulta da configuração dos elementos que o suportam e da interligação das funções que desempenha. Importará recordar que segundo Condillac "um sistema não é outra coisa além da disposição das

diferentes partes de uma arte ou de uma ciência segundo uma ordem em que elas se sustentam mutuamente”.

Emergem como ideias centrais ao conceito de sistema: conjunto de elementos diversos, articulação, harmonia (concorrem para a coerência), sustentação (fundamentação e consistência), interrelação e interdependência. Os sistemas dão vida à sociedade pelo que estarão sujeitos à dinâmica da mesma que se configura na grande lei do desafio corolada na lei da resposta. A sua vitalidade obriga-os a distinguir os fundamentos que asseguram a raiz identificada com a origem, dos elementos alteráveis subordinados ao natural processo evolutivo, daí o acentuar das características mutabilidade, flexibilidade e adaptabilidade. Cada sistema tem um valor em si mesmo e é responsável pelo processo e produto da estrutura que representa e, ainda, pela fluência dessa estrutura. Mas se cada sistema viver exclusivamente em torno de si próprio, ele está condenado ao fracasso e contribui para o enfraquecimento da sociedade. É da cadeia dos sistemas, sobretudo da sua interacção, que resulta o modelo de sociedade. Importará considerar que esta cadeia significa responsabilidade partilhada. É comum referir, em determinado contexto, o sistema político, o sistema de defesa, o sistema administrativo, o sistema económico, o sistema educativo, o sistema de saúde, o sistema judicial; noutros contextos a referência pode ser mais abrangente ou mais restrita e surge a indicação, entre outros, de sistema social e de sistema demográfico. Todos eles são fruto da sociedade em que se inserem e terão, como objectivo último, revelá-la e servi-la; a qualidade deste serviço decorrerá sem dúvida das características de cada sistema, constatadas na observação unitária e na observação da malha das relações que desenvolvem entre si.

Os sistemas não se evidenciaram todos no mesmo momento histórico; a maioria dos classificados “socialmente básicos” surgiu como resposta a necessidades que emergiram da evolução natural das sociedades. O Sistema Educativo não é dos sistemas mais jovens, pois desde há séculos se começou a sentir e a exprimir a necessidade de organizar a educação das crianças e dos jovens, ainda que tenha vindo a conhecer níveis de abrangência diferentes. Pareceu importante, neste contexto, desenvolver uma curta reflexão teórica sobre Sistemas Educativos. Esta reflexão decorre seguindo três pontos: (1) conceito e enquadramento de sistema educativo; (2) princípios orientadores e variáveis estruturantes do sistema educativo (3) referência a grandes tipologias de sistemas educativos. À guisa de conclusão, avançar-se-ão alguns aspectos considerados como as grandes “forças” ou as grandes “fraquezas” dos Sistemas Educativos.

1. Conceito e enquadramento do Sistema Educativo

A expressão “Sistema Educativo” aparece no discurso comum, muitas vezes, em paralelo com outras duas expressões: “Sistema de Ensino” e “Sistema de Instrução”. Embora as palavras ensino e instrução sejam frequentemente utilizadas como sinónimas, elas têm, de facto, o mesmo referente, ainda que o apropriem em grau distinto. Enquanto “ensinar” acentua a transmissão de saberes, revela a preocupação com a aquisição de conhecimentos, sobrelevando algumas dimensões do ser humano mas tem subjacente o processo e o produto, “instruir” identifica-se com doutrinar, esclarecer, admitindo como preocupação única o produto – há, contudo, entre estes dois conceitos alguma cumplicidade de significância. “Educar” tem um sentido mais abrangente pois inclui o prestar atenção ao ensino e à aprendizagem e privilegia não só a aquisição

de saberes mas também a aquisição e o desenvolvimento de aptidões e competências; acentua a preocupação pelo processo e pelo produto como consequente do binómio ensinar/aprender.

Fixando a expressão "Sistema Educativo", importará recordar que, nos últimos anos, se tem assistido ao desenvolvimento e confronto de duas tendências: uma acentua a acupulação de Sistema de Formação com Sistema de Educação e a outra pretende que Sistema de Educação englobe o Sistema de Formação. Qualquer destas tendências faz depender o seu significado de ideias e linhas de acção que subjazem ao conceito de Educação organizada, por outras palavras, do referente de Educação². O objecto da educação é sempre o mesmo em qualquer tempo e em qualquer espaço: o ser humano. Contudo, o ser humano oferece-se com as características de um poliedro, o que permite uma grande variedade de perspectivas na abordagem, ao tomá-lo como o foco da Educação. Na opção por uma abordagem evolutiva, referenciada tão só nas suas grandes linhas, optou-se pela consideração de três aspectos: destinatários da educação; objecto da educação e finalidades da educação. Os destinatários da educação evoluíram, no que respeita a acesso e a processo, quanto a faixa etária abrangida, o estrato social considerado e a discriminação de grupos (género, etnia e deficiência). O objecto da educação passou da criança pertença a um grupo com características pré-definidas, de acordo com os fins pretendidos, para se centrar em todos os indivíduos, independentemente da idade, características individuais, condição social, condição física; passou por deixar de tomar, em exclusivo, a transmissão de conteúdos, treino de comportamentos, desenvolvimento de aptidões, para se situar nas diferentes dimensões do ser, com a preocupação em identificar e desenvolver competências. As finalidades da educação foram, então, conhecendo um espaço alargado tendo como preocupação o encontro do indivíduo consigo próprio, na descoberta do seu "eu", permitindo-lhe a construção e a realização do seu projecto pessoal a integrar na sociedade. Passou, portanto, a acentuar o equilíbrio dos dois termos - indivíduo e sociedade - que compõem a equação designada por realização.

Assume-se a definição de Educação como "um processo contínuo de desenvolvimento tanto das pessoas como das sociedades" (Delors et al. 1999:11); Para estes autores, tal processo assenta em quatro pilares: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver juntos.

É esta definição de Educação que se toma, aqui, por base do conceito de Sistema Educativo.

Para Louis d'Hainaut, cada sistema educativo ocupa lugar num amplo quadro tridimensional - (1) histórico, (2) filosófico, ético, religioso e científico e (3) físico e geográfico, incluindo os recursos - onde desenvolve as suas interações com os outros sistemas. Este enquadramento poderá ser responsável por modelos diferentes de sistemas educativos.

Cada sistema educativo sujeita-se a três níveis funcionais: político, administrativo e técnico-pedagógico. A estruturação destes níveis, a sua hierarquização e as determinantes das suas interações são os indicadores do modelo de sistema educativo. Impõe-se referir que o enquadramento social do sistema educativo fica dependente da relação entre o sistema ideal ou teórico e o sistema real ou vivenciado, através da percepção psico-social. Este enquadramento terá tanta mais visibilidade quanto maior clareza existir no enunciado de princípios e na identificação de variáveis que configuram o próprio sistema.

2. Princípios orientadores e variáveis estruturantes do Sistema Educativo

Não há intenção em distinguir modelos de sistemas educativos mas, apenas, identificar alguns dos grandes princípios que o orientam. Esses princípios cruzam-se com um conjunto de variáveis que constituem a trama estruturante do sistema educativo. Tal trama será a matriz do modelo. Enunciam-se uns e outras com a preocupação de estabelecer conexões e construir um fio condutor que será eventualmente a espinha dorsal dos modelos de sistemas educativos (matéria que não será directamente abordada neste artigo).

2.1. Princípios orientadores

O Sistema Educativo pode ser analisado à luz dos seus fundamentos e/ou à luz dos seus princípios orientadores, verificando-se, por vezes, a sobreposição de uns com os outros. Tentando distinguir o significado de ambos, dir-se-á que o fundamento se traduz em bases que suportam, enquanto o princípio é o enunciado que procura traçar linhas que determinam o caminho, por isso orientam. Assim, eles têm identificação diferente, desempenham funções diferentes pelo que deverão ter tratamento diferente. Os fundamentos poderão ser estáticos, enquanto os princípios orientadores são dinâmicos. Para alguns autores, como D'Hainaut, os princípios orientadores derivam dos três grandes vectores que atravessam o sistema educativo e que se traduzem pela selectividade, homogeneidade e funcionalidade. De cada um destes vectores decorrem, então, princípios que, mantendo a designação, variam o grau de implementação acabando por ser grandes indicadores da caracterização dos sistemas educativos. Referem-se, de seguida, num exercício exemplificativo.

- (1) No vector selectividade, distinguem-se três situações de actuação directa: no acesso, no percurso e no sucesso. Em qualquer delas merecem realce quatro princípios que orientam um Sistema Educativo: o princípio da igualdade de direitos e deveres, o princípio da igualdade de oportunidades, o princípio da solidariedade e o princípio da responsabilidade. Num processo, ao mesmo tempo decorrente e recorrente, enunciam-se, para o mesmo vector, os princípios da universalidade, obrigatoriedade e gratuidade.
- (2) No vector homogeneidade, entre outros princípios, têm maior evidência o da generalidade versus especialização, o da diferenciação (o direito à diferença, admitindo a unidade ou a diversidade da oferta), o da inclusão ou da exclusão, o da permeabilidade ou estanquicidade e o da meritocracia.
- (3) No vector funcionalidade, destacam-se os princípios da utilidade, da flexibilidade, da mutabilidade (para alguns estudiosos, a flexibilidade inclui a mutabilidade), da continuidade (em tempo que permita a formação continuada) e da adaptabilidade.

Cada um destes vectores integra variáveis, cuja diferença de comportamento pode resultar na diferença de caracterização de um sistema educativo.

2.2. Variáveis do Sistema Educativo

Os parâmetros que estruturam os sistemas educativos resultam da conjugação de um grupo de variáveis, pelo que se identificam aquelas que oferecem maior relevância e actualidade. Optou-se pela forma de listagem, na esperança de, a partir dela, criar uma base que sustente os grandes parâmetros, balizadores de qualquer sistema educativo: a idade de ingresso, o período de escolaridade obrigatória, a organização do sistema, com os níveis ou fases do percurso (estratificando ou não as suas etapas), as modalidades e/ou tipos de formação, as modalidades de transição, o esquema de progressão, os patamares de saída, com os respectivos perfis exigidos, os esquemas de continuidade e/ou de retorno, os momentos e modos de avaliação e a graduação, a diplomação e certificação. Talvez se possa deduzir das variáveis apontadas, o conjunto de cinco parâmetros que deverão ser: o parâmetro compulsivo, o parâmetro organizativo, o parâmetro delimitativo, o parâmetro avaliativo, e o parâmetro certificativo.

3. Tipologias de sistemas educativos

Apesar de não se analisarem modelos de sistemas educativos, tal como se afirmou atrás, pareceu ter propósito significativo indicar, a título de exemplo, algumas tipologias de sistemas educativos. Seleccionaram-se aquelas que resultam de quatro tipos de escola. Utiliza-se a designação apresentada por Vaniscotte (1996) e que expressa: tipo escandinavo, tipo anglo-saxónico, tipo germânico e tipo latino-mediterrânico. Apontam-se os aspectos caracterizadores de cada uma destas tipologias, associando-as ao princípio orientador de que derivam.

- (1) O tipo escandinavo parece ter nascido da preocupação em promover uma melhor igualdade de oportunidades, fazendo a mesma oferta para todas as crianças, pelo mais longo período de tempo possível. Dando particular importância ao vector da selectividade, acentua o princípio da "igualdade de oportunidades". Parece identificar-se com a tipologia da escola única, conhecida, em alguns casos, pela 'escola polivalente'. "É um sistema que assegura a continuidade máxima numa escola em que todas as crianças fazem as mesmas coisas. É também um sistema que tem como primeiro objectivo o desenvolvimento da criança e a sua 'felicidade' na escola. Por isso, o sistema retarda o mais possível as avaliações normativas, as orientações e todos os procedimentos selectivos" (Vaniscotte, 1996:25).
- (2) O tipo anglo-saxónico, com o objectivo central no desenvolvimento da criança, traduz-se na tendência de um ensino individualizado, pelo hábito da tutoria e pelo por em prática as ajudas e apoios necessários às crianças com dificuldades. Acentua o princípio da diferenciação. Faz substituir o grupo 'classe' pelo grupo 'fase' dando a esta não só uma duração temporal maior mas também alargando o seu âmbito. Acrescenta, então, o princípio da flexibilização do percurso, manifestando forte maleabilidade nas formas de avaliação que pratica.
- (3) O tipo germânico assenta numa orientação precoce que sustenta a oferta de vias de estudos paralelas que prosseguem finalidades diferentes, na pretensão de favorecer a inserção profissional e social do aluno. Domina, neste sistema, o vector da funcionalidade, bem representado pela preocupação da interacção do sistema educativo com outros sistemas, designadamente o sistema económico. Apresenta,

como último patamar do percurso no sistema educativo, a 'educação contínua'. Dominam os princípios da adaptabilidade e da continuidade da formação.

- (4) O tipo latino-mediterrânico recusa as vias de estudos alternativas, valorizando o vector da homogeneidade. O tronco comum aparece como uma solução para responder à procura social. Na maior parte dos casos constrói-se um jogo complexo de opções que vai permitir as orientações e as selecções necessárias. Este tipo vive à base dos normativos pelo que gera frequentes contradições. Confronta-se entre o princípio da generalidade e o da especialização, esboçando maior ênfase neste último. Cria insatisfações permanentes porque alimenta um conflito relativamente à sociedade em geral e à sociedade empregadora em particular.

Conclusão

Sublinhando afirmações anteriores, o sistema educativo é um conjunto organizado e coerente de vários elementos que se congregam para atingirem um fim último. De facto, a primeira exigência posta ao sistema educativo é a de que se reconheça como um todo organizado e não como um conjunto de partes separadas e independentes entre si. A coerência e a consistência são duas características exigidas no sentido da eficácia e da eficiência de qualquer sistema educativo. A predominância de um vector específica a acentuação de determinados princípios orientadores e dá preferência à valorização de certas variáveis, em detrimento de outras. Os princípios caracterizam o tipo de escola e, ao mesmo tempo, o tipo de escola enquadra uma tipologia de sistema educativo.

A exigência da qualidade na área da educação é cada vez mais defendida, ainda que vários indicadores revelem o decréscimo dessa qualidade. A qualidade na área educativa funcionará como vaso comunicante para a qualidade nas diferentes áreas da sociedade. A preocupação centrada na qualidade tem sido desviada, com acentuação particular, para um ou outro dos níveis ou patamares do sistema educativo, provocando reformas parcelares e arrastando os respectivos efeitos perversos no sistema. A prática verificada nas mudanças parcelares tem fragilizado a organização dos sistemas educativos e descredibilizado o seu desempenho, identificando-se como um dos seus maiores pontos fracos. A diminuição no nível de exigência e a não clarificação dos perfis de formação à saída dos diferentes patamares do sistema educativo constituem uma outra dimensão das suas fragilidades. O divórcio entre o sistema educativo e outros sistemas, designadamente o sistema económico, com destaque para o mercado de trabalho, traduz-se num acentuado ponto fraco de qualquer sistema educativo.

Três linhas de força se têm apontado, entretanto, na prospecção de reformas em sistemas educativos: a da funcionalidade, a da diversificação da oferta para atender à diversidade dos clientes na procura e a da continuidade no sentido de uma educação ao longo da vida. "Todos os cidadãos, sejam eles activos ou não, têm necessidade de ser educados e bem educados" (ERT, 1995:12). Acontece que aos sistemas educativos é atribuída uma das mais importantes funções sociais que é a de promover a cidadania formando cidadãos, na plenitude deste conceito. Daí a exigência em sublinhar o sentido da harmonia conseguida pela articulação do sistema educativo, cuja resultante deverá ser configurada numa cadeia de elos ligados entre si, pertencendo ao último elo a "educação ao longo da vida". Este será o "ponto forte" que, só por si, obrigará a repensar a referida "harmonia" de qualquer sistema educativo, no desafio pelo equilíbrio da cidadania e norteados pela exigência de qualidade.

Notas

¹ O percurso temporal tem sido longo; o sistema com as características com que a sociedade moderna o conhece hoje começou a desenhar-se nas civilizações clássicas e poderá afirmar-se que qualquer sociedade, logo que se organiza, percebe a necessidade de identificar tipologias de estruturas que naturalmente se tornam na base dos “sistemas”.

² A educação existe desde que há comunidade humana. Para John Dewey (1977), “Educação significa a soma total dos processos pelos quais uma comunidade ou um grupo social, pequeno ou grande, transmite os seus poderes e as suas realizações a fim de assegurar sua própria existência e o seu crescimento contínuo” (*Experience and Education*, 20^a ed., p. 25).

Referências Bibliográficas

- DELORS, Jacques et al. (1999) *Educação – um tesouro a descobrir*, Porto - ASA.
- D´Hainaut, Louis (1981) *Analyse et Régulation des Systèmes Éducatifs*, Editions Labor – Fernand Nathan.
- ERT (1995) *Uma Educação Europeia – a caminho de uma sociedade que aprende*, Bruxelles – La Table Ronde des Industriels Européens.
- GASPAR, M.I. (1996) *Princípios Orientadores e Objectivos do Ensino Secundário em Portugal* (policopiado).
- LANDSHEERE, Gilbert de (1997) *A Pilotagem dos Sistemas Educativos*, Porto - ASA.
- VANISCOTTE, Francine (1996) *Les Écoles de l'Europe – systèmes éducatifs et dimension européenne*, Paris - INRP.